Os modelos de comunicação para o desenvolvimento e a Igreja Católica na América Latina: iniciando um debate[1]

Ricardo Costa ALVARENGA[2]
Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

Resumo

Este artigo inicia uma reflexão sobre a Comunicação da Igreja Católica na América Latina, a partir da revisão dos textos conclusivos das Conferências do Episcopado Latino-Americano, que aconteceram no Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007) e da observação assistemática dos sites das 22 conferências episcopais nacionais vinculadas ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM). O objetivo central é estabelecer um diálogo entre as questões apresentadas nestes documentos e a produção acadêmica sobre a temática, especialmente no que tange aos modelos de comunicação para o desenvolvimento. Com base na revisão de literatura, indicamos que ao longo da história a Igreja Católica no continente foi influenciada pela perspectiva difusionista e participativa da comunicação.

Palavras-chave: Comunicação para o desenvolvimento; Igreja Católica; América Latina; Modelos de Comunicação;

Introdução

Historicamente, a Igreja Católica, suas estruturas e discursos são objeto de estudo das Ciências Humanas. Particularmente na área da Comunicação, as pesquisas analisam, em geral, os documentos produzidos pela instituição, em suas diversas instâncias hierárquicas, bem como os produtos comunicacionais, as emissoras de comunicação capitaneadas pela Igreja e o tratamento dado à temática religiosa nos meios de comunicação. Diversos pesquisadores já realizaram estudos sobre a interface Comunicação/Religião, como José Marques de Melo (1981 - 1985), Ismar de Oliveira Soares (1988), Ralph Della Cava (1991), Enrique Dussel (1992), Pedro Gilberto Gomes

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutorando e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa em Mídia, Religião e Cultura (MIRE) e do Núcleo de Estudos em Comunicação Comunitária e Local (COMUNI) ambos da mesma universidade. Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Editor do Jornal Brasileiro de Ciências da Comunicação (JBCC) da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Bolsista Capes. E-mail: ricardocalvarenga@gmail.com.

(2002) e Joana Puntel (2008 – 2010 - 2011) entre outros, que oferecem importantes contribuições para a compreensão da relação Igreja[3]-Comunicação[4], particularmente na América Latina.

A Igreja Católica presente no continente latino-americano carrega consigo a marca de uma instituição que, ao longo dos anos, passou a se comprometer com a realidade dos povos do continente, especialmente a partir do surgimento da Teologia da Libertação, que é uma linha de reflexão teológica tipicamente latino-americana, responsável por uma grande mudança na postura da Igreja em todo o continente - e em outros países do mundo.

A Teologia da Libertação proporcionou à Igreja Católica no continente maior aproximação com as pessoas, despertando, na instituição, compromisso genuíno com os pobres, sobretudo por meio das comunidades eclesiais de bases, espaços privilegiados de engajamento e reflexão crítica da realidade social desses povos. Essa postura, com o tempo, culminou na consolidação de nova linha de ação pastoral para a Igreja Católica no continente.

No que tange à comunicação, a instituição avançou no seu entendimento sobre o papel e o próprio uso dos meios de comunicação na sociedade, passando a ser mais engajada e comprometida com as questões sociais dos povos latino-americanos. A comunicação começou a ser entendida como via alternativa para o processo de desenvolvimento da América Latina. Incentivou-se, também, a abertura dos próprios meios de comunicação da Igreja ao povo, como estratégia de dar voz e vez para quem era impelido ao silêncio.

> Inegavelmente, o cristianismo, de modo particular a Igreja Católica, teve papel preponderante no desenvolvimento das ideias comunicacionais da América Latina. Notadamente a partir da década de 1960, quando se estrutura no continente o pensamento teológico conhecido como Teologia da Libertação (GOMES, 2002, p.121).

Neste texto iniciamos uma reflexão sobre a comunicação que vem sendo feita pela Igreja Católica no continente latino-americano, a partir das 22 conferências episcopais nacionais vinculadas ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), observando também os textos conclusivos das Conferências do Episcopado Latino-

[3] Optamos por utilizar "Igreja", em maiúsculo, ao nos referir à instituição eclesial e "igreja", em minúsculo, para o templo físico.

[4] Convencionamos utilizar a termologia relação Igreja-Comunicação, para definir os processos, ações e posicionamentos da Igreja Católica sobre a Comunicação de modo geral.

Americano, promovidas pelo CELAM que aconteceram no Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007), com o objetivo de identificar qual o modelo de comunicação vem sendo utilizado.

Diante desse objetivo realizamos uma revisão bibliográfica apontando para autores que trabalham com essa temática, especialmente Romeu Dale (1973), Marques de Melo (1981, 1985), Ismar de Oliveira Soares (1988), Enrique Dussel (1992), Noemi Dariva (2003), Joana Puntel (2008, 2011). Além destes autores que são referências para esta discussão, trouxemos contribuições de Cicilia Peruzzo (1998, 2010, 2014) e José de Souza Silva (2011) para pensarmos as conceituações de comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social, além do próprio conceito de desenvolvimento.

A Igreja Católica na América Latina

Em 1955, foi fundado o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), a pedido dos bispos da América Latina, do Caribe e das Antilhas, que proporcionou aos bispos dessas regiões um maior sentimento de colegialidade (MANZATTO, 2006). O conselho foi fundado tendo como principal missão presta serviços no âmbito da formação, pesquisa, reflexão, contato e comunhão às/das 22 Conferências Episcopais Nacionais que compõem o CELAM.

Quadro 1 - Conferências Nacionais que compõem o CELAM

CONFERÊNCIAS NACIONAIS	PAÍSES	SITES
Conferência Episcopal das Antilhas	Antilhas[5]	www.aecrc.org
Conferência Episcopal Argentina	Argentina	www.episcopado.org
Conferência Episcopal da Bolívia	Bolívia	www.iglesia.org.bo
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil	Brasil	www.cnbb.org.br
Conferência Episcopal da Colômbia	Colômbia	www.cec.org.co
Conferência Episcopal de Cuba	Cuba	www.iglesiacubana.org
Conferência Episcopal do Chile	Chile	www.iglesia.cl
Conferência Episcopal de Costa Rica	Costa Rica	www.iglesiacr.org
Conferência Episcopal Equatoriana	Equador	www.conferenciaepiscopal.ec
Conferência Episcopal de El Salvador	El Salvador	www.iglesia.org.sv

[5] A América Central Insular ou Antilhas é a porção da América Central que se encontra dividida entre diversas ilhas. A Conferência Episcopal das Antilhas é composta por treze nações independentes, seis colônias britânicas, três departamentos da França, e duas regiões autônomas dos Países Baixos.

Conferência Episcopal da Guatemala	Guatemala	www.iglesiacatolica.org.gt
Conferência Episcopal do Haiti	Haiti	www.catholic-hierarchy.org
Conferência Episcopal de Honduras	Honduras	www.iglesiahn.org
Conferência do Episcopado Mexicano	México	www.cem.org.mx
Conferência Episcopal da Nicarágua	Nicarágua	www.cen-nicaragua.org
Conferência Episcopal do Panamá	Panamá	www.iglesia.org.pa
Conferência Episcopal do Paraguai	Paraguai	www.episcopal.org.py
Conferência Episcopal Peruana	Peru	www.iglesiacatolica.org
Conferência Episcopal de Porto Rico	Porto Rico	www.catholic-hierarchy.org
Conferência Episcopal da República Dominicana	República Dominicana	www.conferenciadelepiscopadodominicano.com
Conferência Episcopal do Uruguai	Uruguai	www.iglesiacatolica.org.uy
Conferência Episcopal Venezuelana	Venezuelana	www.cev.org.ve

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em espaços que variam de 11 a 15 anos os bispos que fazem parte das 22 Conferências Episcopais Nacionais que compõem o CELAM se reúnem para realizar a Conferência do Episcopado Latino-Americano, que até a produção deste texto totalizava a realização de cinco conferências: Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).

As conferencias gerais são espaços onde os bispos dessas diversas realidades do continente pode analisar a vida e caminha da Igreja Católica nos seus países. Partindo da identificação de questões que são comuns e na busca coletiva de soluções e ações pastorais para essas questões.

Em geral é o Papa quem convoca essas conferências a pedido dos bispos, além de chancelar o tema, local e a texto conclusivo produzido ao final da conferência pelo episcopado ali reunido. É importante destacar que o Papa Francisco, na ocasião cardeal Jorge Mario Bergoglio, foi o responsável pela redação do Documento de Aparecida, que é a síntese das reflexões da V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe realizado em 2007, na cidade de Aparecida (SP).

A Comunicação da Igreja Católica na América Latina

Durante sua história, a Igreja Católica passou por momentos de evolução e inflexão quando se trata de comunicação. Houve tempos de extrema censura e repressão, mas também de aceitação desconfiada e deslumbramento ingênuo (Marques de Melo, 1981; 1985, Puntel, 2011). Com o passar dos anos, a Igreja redefiniu seu

pensamento sobre a comunicação, por influência de diversos aspectos sociais, eclesiais, políticos e econômicos.

Como era de se esperar, a própria estrutura da Igreja Católica foi mudando, na medida em que a organização da sociedade mudava. Por orientação do Vaticano, os bispos de todo o mundo foram convocados a se organizar em conferências nacionais e continentais, a fim de garantir mais unidade e força à instituição e ao próprio episcopado do país e do continente.

Enquanto realizávamos nossa pesquisa de mestrado[6], que objetivava identificar as tendências comunicacionais adotadas pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, observamos que a Igreja Católica no país viveu em certo momento um protagonismo na luta pelas questões sociais no cenário nacional. Essa passou a ser uma das características mais marcantes não só na Igreja no Brasil, mas em toda a América Latina.

Como afirmamos anteriormente foi com o surgimento da Teologia da Libertação, após o Concílio Vaticano II e a II Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, na Colômbia, em 1968, que a postura da Igreja sobre diversas temáticas modificou-se. A comunicação foi um dos aspectos que passou por significativa transformação. A partir daquele momento, os meios de comunicação social são compreendidos como indispensáveis para o processo de transformação e desenvolvimento que a América Latina tanto necessitava. A Igreja passou a reconhecer que os grandes meios de comunicação têm papel decisivo na dominação política e ideológica, imprimindo aos povos latino-americanos uma representação completamente divergente da realidade vivida no continente.

Passa-se, então, a defender uma comunicação para o desenvolvimento, feita pelo povo e para o povo, a fim de garantir identificação maior com a realidade da América Latina. A Igreja incentiva a criação de meios de comunicação populares que pudessem construir, junto à população, um discurso contra hegemônico.

Acreditamos que a Igreja Católica na América Latina viveu períodos singulares no seu relacionamento com os meios de comunicação. Para melhor compreender as nuances dessa relação, no continente, subdividimos os principais momentos e suas

[6]ALVARENGA, Ricardo Costa. **A Comunicação da Igreja Católica no Brasil: tendências comunicacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.** 2016. 232 f. [Orientador: Professor José Marques de Melo] Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social – Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

características em cinco categorias: 1) De inimigos a aliados; 2) Entre vacilos e acertos; 3) Voz e vez do povo; 4) Mais do Mesmo, por ela mesma; e 5) Uma pastoral para a Comunicação (ALVARENGA, 2016). As cinco características que elencamos são fruto da análise dos cinco textos conclusivos das Conferências do promovidas pelo CELAM.

Quadro 2 - Conferências do Episcopado Latino-Americano/Postura sobre a Comunicação[7]

CONFERÊNCIA	CIDADE/PAÍS	ANO	SOBRE COMUNICAÇÃO
I Conferência do Episcopado Latino-Americano	Rio de Janeiro Brasil	1955	A comunicação deixa de ser vista como inimiga e passa a ser considerada aliada da Igreja na evangelização. Começa-se a incentivar a formação para a comunicação.
II Conferência do Episcopado Latino-Americano	Medellín Colômbia	1968	A Igreja apresenta certo deslumbramento sobre os meios de comunicação. Com alguns vacilos e acertos no entendimento sobre os meios de comunicação social.
III Conferência do Episcopado Latino-Americano	Puebla México	1979	A comunicação social é vista como alternativa para o processo de desenvolvimento da América Latina. Incentiva-se a abertura dos meios próprios da Igreja para o povo e a comunicação do próprio povo.
IV Conferência do Episcopado Latino-Americano	Santo Domingo Republica Dominicana	1992	De modo geral, a comunicação é tratada a partir de outros documentos já publicados pela Igreja, soando como mais do mesmo. No entanto, a relação da comunicação com a cultura e suas influências é mencionada.
V Conferência do Episcopado Latino-americano e do Caribe	Aparecida Brasil	2007	A Igreja reforça a perspectiva de um trabalho pastoral da comunicação social, que leve em consideração a revolução tecnológica, especialmente a internet.

Fonte: ALVARENGA, 2016, p. 54.

[7] Classificamos os documentos publicados pelo Conselho Episcopal Latino-Americano sobre Comunicação Social a partir de uma revisão bibliográfica de autores como Peruzzo (1998 – 2010), Marques de Melo (1981 – 1985), Dariva (2003) e Puntel (2010).

Refletir sobre a relação da Igreja Católica com os meios de comunicação é uma exercício bastante complexo, visto que existe uma série de aspectos que influenciam essa relação. Quando partimos para uma reflexão dessa temática no contexto latino-americano, percebemos que existem diferenças significativas e aspectos muito peculiares que influenciam o posicionamento da Igreja. A opção pelos pobres e o compromisso político são pontos marcantes que nortearam a posição da Igreja sobre quase todas as temáticas tratadas nos documentos conclusivos das cinco conferências realizadas pelo CELAM.

Os meios de comunicação de massa sempre foram considerados pelo CELAM como instrumentos para o desenvolvimento das atividades de evangelização e, de modo especial, para a promoção da doutrina católica. Com o tempo, a Igreja avançou significativamente no entendimento sobre a comunicação, passando de um pensamento puramente técnico, para uma reflexão crítica e estratégica.

O posicionamento mais crítico da Igreja na América Latina dá-se a partir de uma análise mais fiel e comprometida sobre a realidade dos países que compõem o CELAM. Ao perceber que os meios de comunicação de massa mostravam-se a serviço do modelo capitalista predatório e da manutenção das estruturas políticas e econômicas que controlavam o desenvolvimento do continente, a Igreja vê na comunicação do povo, no fortalecimento dos meios de comunicação próprios da Igreja e no processo de educação para a comunicação as alternativas para fazer frente a esse modelo de comunicação.

Comunicação para o desenvolvimento

A Igreja Católica na América Latina é, sem dúvidas, cheia de peculiaridades, seja em virtude das diferenças culturais ou, ainda, pelas questões econômicas, políticas e sociais dos diversos países que formam o continente. Como os países latino-americanos são rotulados, em sua maioria, de países de terceiro mundo, a Igreja percebeu, em dado momento da história, que parte da responsabilidade pelo sentimento de descredito com relação aos países e povos latino-americanos passava também pelos meios de comunicação, que por sua vez retratavam os países a partir de influências econômicas e políticas, gerando quase sempre uma imagem distorcida da realidade desses povos.

> As sociedades desenvolvem suas formas de organização e sistemas produtivos, político-jurídicos, sociais, culturais e comunicativos que as

> movimentam. Os modos de comunicação repercutem os modelos de desenvolvimento que as forças que se fizeram dominantes foram capazes de assegurar (PERUZZO, 2014, p.161).

Diante desse debate sobre o papel da comunicação no processo e desenvolvimento e transformação dos países latino-americanos é necessário recuperar as concepções de desenvolvimento, que quase sempre estão interligadas a noção de progresso, avanço e melhoria. Essa ideia de desenvolvimento que estamos acostumados a ver sendo difundido pelos grandes meios de comunicação, surgiu nos anos de 1940.

Tal perspectiva está alicerçada em três características centrais: 1) Postura etnocêntrica do ocidente; 2) Não reconhecimento do sentido da cultura e do desenvolvimento dos povos originários; e 3) Promessa de progresso econômico almejando o "avanço" político, social e cultural (PERUZZO, 2014, P.162).

> O desenvolvimento é concebido a partir de diferentes paradigmas [...] identificados como teorias da modernização, da dependência e do desenvolvimento participativo ou sustentável, que, em última instância, constituem dois modelos de desenvolvimento, o difusionista e o participativo ou sustentável (PERUZZO, 2014, p.162).

A Teoria da Modernização surge no século XX, como a ideia de desenvolvimento partindo da necessidade de modernização e de industrialização dos países do chamado 'terceiro mundo'. "O pressuposto era que as nações, então tidas como "subdesenvolvidas", teriam que fazer o mesmo caminho dos países ricos para alcançarem o desenvolvimento" (PERUZZO, 2014, p.163).

Em meados da década de 60 na América Latina surge a Teoria da Dependência que evidência as relações de cumplicidade entre o subdesenvolvimento e desenvolvimento. Neste mesmo contexto emerge as reflexões sobre a Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI) e Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação (NOMIC). "O paradigma da dependência aponta para a necessidade da autodeterminação política, econômica e cultural das nações, uma vez que identifica relações de cumplicidade entre desenvolvimento e subdesenvolvimento" (PERUZZO, 2014, p.167).

Com o passar do tempo e identificação da incapacidade do modelo capitalista de gerar o verdadeiro desenvolvimento necessário aos povos latino-americanos, vão surgindo pelo mundo outros modelos de desenvolvimento. Peruzzo (2014, p.168), apresenta a teoria do desenvolvimento participativo, que em nada teria haver como o atual modelo imposto. Esse seria endógeno e autônomo em harmonia com o meio

ambiente. Ela ainda lista os princípios paradigmáticos desse novo modelo de desenvolvimento a partir do texto *Comunicación para el desarrollo: tres paradigmas, dos modelos*, de Servaes (2004):

> - as necessidades básicas: o desenvolvimento pretende satisfazer necessidades humanas, materiais e não materiais;
> - que seja endógeno: definido a partir do núcleo de cada sociedade, que estabelece com soberania seus valores e a visão de seu futuro;
> - que seja autoconfiável: implica que cada sociedade confie basicamente nas próprias forças e recursos, em termos das capacidades de seus membros e de seu ambiente natural e cultural;
> - que seja integrado à ecologia: utilizando racionalmente os recursos da biosfera com plena consciência do potencial dos ecossistemas locais, assim como dos limites globais impostos às gerações atuais e futuras (PERUZZO, 2014, p.168-169).
> - que se baseia na democracia participativa: como a verdadeira forma de democracia, e não só um governo do povo e pelo povo, mas fundamentalmente, "para as pessoas" em todos os níveis da sociedade; e
> - o favorecimento das mudanças estruturais requeridas nas relações sociais, nas atividades econômicas e na distribuição espacial da estrutura de poder para alcançar as condições de autogerenciamento e participação no processo de decisão por todos aqueles afetados, desde a "comunidade" até o mundo como um todo (PERUZZO, 2014, p.168 - 169).

Com esse panorama dos paradigmas de desenvolvimento podemos refletir sobre a repercussão dessas teorias na comunicação. Esse movimento dá origem a duas perspectivas da comunicação para o desenvolvimento: difusionista e participativa.

O modelo difusionista de comunicação surge no século XX, abordando as questões teóricas tradicionais de desenvolvimento. "As quais são basicamente funcionais, o que quer dizer que foram pensadas em sua importância e utilidade na implementação de programas de desenvolvimento, na linha da modernização" (PERUZZO, 2014, p.176).

A perspectiva da comunicação no modelo difusionista é completamente linear, se entende a comunicação apenas como transferências de informação. Em outras palavras, se usa os meios de comunicação para a difusão de inovações com vistas à modernização. A importância do rádio e da televisão está diretamente ligada à propagação de novos padrões de comportamento.

"Estes veículos de comunicação ajudaram, por exemplo, a divulgar a ideia da necessidade do controle da natalidade, de que o leite em pó industrializado era melhor para a saúde infantil, do consumo do automóvel, do uso do plástico em vez de produtos à base do sisal, da adesão ao cigarro" (PERUZZO, 2014, p. 178).

Uma discussão bastante atual na América Latina, e em todo o mundo é a colonização dos meios de comunicação, fruto do modelo difusionista que estabeleceu um fluxo de informação a partir dos Estados Unidos e da Europa. Exemplos desse movimento são "agências de notícias, exportação de filmes cinematográficos, revistas, programas de televisão" (PERUZZO, 2014, p.178).

Com os questionamentos ao modelo de desenvolvimento, baseado na modernização e industrialização dos países emergem reflexões alternativas para se pensar um novo modelo de desenvolvimento. É neste contexto que surge a comunicação no modelo participativo.

> Esse modelo, de modo geral e a título de síntese, coaduna com princípios embutidos nas propostas de desenvolvimento local, desenvolvimento sustentável e desenvolvimento humano, muito embora sob estas roupagens possa haver conceitos e práticas ainda inerentes ao modelo difusionista. Não há relações sociais puras nem duais, dadas às complexas configurações histórico-contemporâneas das classes e suas perspectivas político-ideológicas (PERUZZO, 2014, p.180).

Observamos que esse modelo de comunicação pode ser classificado a partir de três características gerais: 1) A transformação das estruturas de poder; 2) O foco na dialogicidade herdada de Paulo Freire; e 3) O acesso livre e a participação. A América Latina foi o berço de diversas reflexões teóricas a partir dessa linha crítico-transformadora da comunicação.

Incentiva-se nesse contexto a ampliação da cidadania partindo do principio de que ela deve ser construída pelos próprios cidadãos, no diálogo com as forças constitutivas da sociedade. "A comunicação, no bojo dessa nova proposta de desenvolvimento, é concebida como facilitadora da gestão de processos pessoais e grupais de mudança social em que as pessoas são protagonistas e as mais favorecidas pelos benefícios" (PERUZZO, 2014, p.181).

Os debates sobre uma Nova Ordem da Informação e da Comunicação (NOMIC), bem como de uma comunicação para a transformação social ganham grande expressividade nesse modelo. Faz se necessário uma prática comunicativa em que as pessoas sejam efetivamente protagonistas dos processos. Com garantia do direito de comunicar também por meio dos meios de comunicação de grande alcance e repercussão.

Como afirma Peruzzo (2014, p.183):

> A comunicação, nessa perspectiva, incorpora, portanto, a noção de desenvolvimento humano, pois busca a realização de uma das liberdades, a

> capacidade de comunicar pelos meios técnicos especializados, mas também por meio da interação interpessoal e grupal. Portanto, as tecnologias modernas não suplantam as relações interpessoais e grupais presenciais.

A Igreja Católica na América Latina foi influência por ambos os modelos de comunicação para o desenvolvimento. Marques de Melo afirma que a reflexão da Igreja Católica apresenta avanços significativos no campo social e político, porém mantem-se vacilante em relação aos meios de comunicação.

> Tendo abandonado aquela posição de desconfiança ante as novas tecnologias de difusão coletiva, que marcou tantos outros documentos oficiais da Igreja Católica, os bispos caem em uma atitude de ingenuidade e deslumbramento. (MARQUES DE MELO, 1981, p.11).

A crítica feita por Marques de Melo é ancorada em trechos do documento da II Conferência do Episcopado Latino Americano: "As observações e orientações pastorais que mencionamos põem em relevo a importância que hoje ocupam os MCS; sem eles não se poderá obter a promoção do homem latino americano e as necessárias transformações do continente" (MEDELLÍN, 1968, n.24). A Igreja demostra claramente sua esperança nos Meios de Comunicação como vetores da transformação social e econômica que tanto necessitava a América Latina.

Percebemos aqui a influência do modelo difusionista da comunicação, que por sinal era característica predominante também no discurso do pontífice da época, o Papa Paulo VI. Ao mesmo tempo podemos identificar a presença de elementos que constituem as práticas do modelo participativo da comunicação no discurso e nas ações da Igreja Católica na América Latina.

As comunidades eclesiais de base (CEBs) e algumas pastorais da Igreja Católica que trabalham na preceptiva da opção preferencial pelos pobres, pela juventude e de acordo com as demandas sociais do povo são exemplos de vertentes dessa comunicação no modelo participativo.

O próprio discurso dos bispos do continente começa a mudar e já se fala de meios para a comunicação e participação nos documentos da III Conferência do Episcopado Latino Americano. Autores como Marques de Melo (1981) e Dariva (2003), afirmam que esse é um dos maiores avanços da Igreja no pensamento sobre a comunicação na América Latina e um dos maiores legados da III Conferência.

> [...] devemos denunciar o controle desses meios de comunicação social e a manipulação ideológica que exercem os poderes políticos e econômicos, que

> se empenham em manter o statu quo e até criar uma ordem nova de dependência-dominação (PUEBLA, 1979, n.1069).

A Igreja adota um posicionamento crítico não só sobre os Meios de Comunicação, mas também sobre outros aspectos da vida dos povos latino americano que estavam como interditados, pelo modelo político, econômico e cultural vindo do ocidente e difundido pelos meios de comunicação.

O resgate das práticas do cristianismo primitivo pela Igreja Católica seria uma via alternativa para um novo modelo de comunicação como aponta Marques de Melo: "A Igreja passa a incentivar, a patrocinar, a respaldar experiências de comunicação do próprio povo" (1985, p.63).

Considerações finais

As reflexões em torno da temática dos modelos de comunicação para o desenvolvimento e da apropriação desses modelos pela Igreja Católica na América Latina são bastante complexas dadas a diversidade de influências e realidades presentes na conjuntura do continente.

Esse nossos esforço inicial caracteriza-se como uma tentativa de iniciar um debate que consiga dialogar a partir dos documentos oficiais da Igreja Católica, da produção acadêmica sobre essa temática e do conjunto de experiências práticas que se tem conhecimento no âmbito do catolicismo na América Latina.

Ainda que de forma assistemática a observação que fizemos nos sites das 22 conferências episcopais nacionais vinculadas ao Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), nos favorece a compreensão de que nestes espaços de comunicação das conferências é possível identificar uma comunicação majoritariamente institucional. Essa observação faz parte das primeiras experiências de pesquisa do nosso estudo de doutorado que estamos desenvolvendo na Universidade Metodista de São Paulo.

Partindo desse conjunto de reflexões podemos considerar que ao longo da história a Igreja Católica na América Latina foi articulando sua atuação por influência da própria organização e transformação da sociedade. Em dado momento mais alinhada as proposta de desenvolvimento oriundas da Europa, onde se encontra a sede da instituição e outro momento rompendo com esse processo em virtude de uma maior aproximação e compreensão da realidade dos povos do continente.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Ricardo Costa. **A Comunicação da Igreja Católica no Brasil:** tendências comunicacionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2016. 232 f. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social – Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.

ALVARENGA, Ricardo Costa. Comunicação para a libertação e participação: uma análise nos documentos das Conferências do Episcopado Latino-Americano. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 10, 2016, Cidade do México. **Memorias del XIII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación.** Cidade do México: Associação Latinoamericana de Pesquisadores de Comunicação, 2016. Disponível em [http://alaic2016.cua.uam.mx/documentos/memorias/GT8.pdf]. Acesso em [04. Jun. 2017].

CAVA, Ralph Della; MONTEIRO, Paula. **E o verbo se faz imagem** – Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil: 1962-1989. Petrópolis: Vozes, 1991.

DALE, Romeu. **Igreja e comunicação social.** São Paulo: Paulinas, 1973.
DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe** (CELAM - 2007). São Paulo: Edições CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

DUSSEL, Enrique (org). **Historia liberationis – 500 anos de história da Igreja na América Latina.** São Paulo: Paulinas, 1992.

GOMES, Pedro Gilberto. Contribuições do cristianismo para as ideias comunicacionais da América Latina. In: MELO, José Marques (Org). **Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas.** São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/ Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2002.

MANZATTO, Antônio. As primeiras Conferências do CELAM. **Revista Vida Pastoral**, São Paulo, n.249, p.3-8, jul-agos, 2006.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação & Libertação.** Petrópolis: Vozes, 1981.

MARQUES DE MELO. José. Igreja e Comunicação. In: SOARES, Ismar de O. (Edit). **Comunicação Igreja e Estado na América Latina.** São Paulo: Paulinas/ UCBC, 1985. p.59-70.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. O processo de participação na comunicação popular e comunitária. In: THORNTON, Ricardo D. (Edit). **Usos y abusos del participare.** Buenos Aires: INTA, 2010. p.229-246.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação para o desenvolvimento, comunicação para a transformação social. In: NETO. A. M. (Orgs.). **Sociedade, política e desenvolvimento** [Livro 2]**.** Brasília: Ipea, 2014. P.161-193.

PUNTEL, J. T. **Cultura Midiática e Igreja:** uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2008.

PUNTEL, J. T. **Comunicação:** diálogo dos saberes na cultura midiática. São Paulo: Paulinas, 2010.

PUNTEL, J. T. A Igreja a caminho na Comunicação. **Teocomunicação:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 221-242, 2011.

SERVAES, J. Comunicación para el desarrollo: tres paradigmas, dos modelos. **Revista comunicação midiática**, Bauru, v. 1, n. 1-2, p. 19-53, 2004.

SILVA. J. de S. **Hacia el 'Día Después del Desarrollo'** - Descolonizar la comunicación y la educación para construir comunidades felices con modos de vida sostenibles. Campina Grande: Asociación Latinoamericana de Educación Radiofónica, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do santo ofício à libertação** – o discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre comunicação social. São Paulo: Paulinas, 1988.